Convergências: estudos em Humanidades Digitais

EDUCAÇÃO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UMA LEITURA CRÍTICA A PARTIR DE PHILIPPE MEIRIEU

Education and artificial intelligence: a critical reading through Philippe Meirieu

Educación e inteligencia artificial: una lectura crítica a partir de Philippe Meirieu

Lucas Bitencourt Fortes[1]

Resumo: Analisam-se as contribuições de Philippe Meirieu sobre as relações entre educação e Inteligência Artificial. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e teórico-bibliográfica, baseada em obras, entrevistas e conferências do autor. Examinam-se os impactos político-estruturais da inserção da IA na educação; a pretensa neutralidade da IA; a necessidade de reconfiguração da avaliação educacional; e as mudanças no papel do professor e na relação com o saber. Os resultados evidenciam que a IA, quando orientada por perspectivas tecnicistas e individualizantes, pode enfraquecer o caráter coletivo, crítico e democrático da escola. Contudo, permite problematizar modelos tradicionais de avaliação e reafirmar processos formativos que valorizem a singularidade e os percursos de aprendizagem dos estudantes.
Palavras-chave: Inteligência Artificial. Educação. Philippe Meirieu.

Abstract: This article analyzes Philippe Meirieu's contributions to the relationship between education and Artificial Intelligence. It is a qualitative, theoretical-bibliographical study based on the author's books, interviews, and conferences. It examines the political and structural impacts of AI integration into education; the presumed neutrality of AI; the need to reconfigure educational assessment; and changes in the teacher's role and in the relationship with knowledge. The findings indicate that AI, when guided by technicist and individualistic perspectives, can undermine the collective, critical, and democratic nature of schools. However, it also makes it possible to question traditional assessment models and reaffirm formative processes that value students' individuality and learning trajectories.
Keywords: Artificial Intelligence. Education. Philippe Meirieu.

Resumen: Se analizan las contribuciones de Philippe Meirieu sobre las relaciones entre educación e Inteligencia Artificial. Se trata de una investigación cualitativa y teórico-bibliográfica, basada en obras, entrevistas y conferencias del autor. Se examinan los impactos político-estructurales de la incorporación de la IA en la educación; la supuesta neutralidad de

[1] Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante da RIECEdu (Rede Internacional de Estudos Culturais em Educação). E-mail: l.bitencourt.fortes@gmail.com; Lattes: http://lattes.cnpq.br/9325586668331469; Orcid iD: https://orcid.org/0000-0002-3134-1612

la IA; la necesidad de reconfigurar la evaluación educativa; y los cambios en el papel del docente y en la relación con el saber. Los resultados evidencian que la IA, cuando está orientada por perspectivas tecnicistas e individualistas, puede debilitar el carácter colectivo, crítico y democrático de la escuela. No obstante, permite cuestionar los modelos tradicionales de evaluación y reafirmar procesos formativos que valoren la singularidad y las trayectorias de aprendizaje de los estudiantes.
Palabras clave: Inteligencia Artificial. Educación. Philippe Meirieu.

Introdução

O interesse pela temática da Inteligência Artificial, embora não constitua o foco central de minhas pesquisas, tornou-se progressivamente mais presente em minhas reflexões, sobretudo a partir de minha atuação como professor. Foi nesse contexto, e considerando também meu lugar como pesquisador, que me lancei a refletir e analisar essa estreita relação entre educação e Inteligência Artificial. Tal movimento coincidiu com um reencontro com a obra do pedagogo francês Philippe Meirieu[2], autor com o qual já havia estabelecido contato em momentos anteriores de minha trajetória acadêmica e profissional. Durante a disciplina *Letramento Anticapacitista, Docência e Ação Pedagógica*, cursada no segundo semestre de 2025 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ministrada pela Prof.ª Dr.ª Clarissa Hass, tive a oportunidade de aprofundar o estudo de suas reflexões e contribuições. Nesse momento, percebi que, embora Meirieu nunca tenha se dedicado especificamente às discussões sobre capacitismo, seu amplo repertório teórico mostrou-se extremamente fértil para pensar a docência, a ação pedagógica e a construção de práticas educativas. Essas práticas são comprometidas com o reconhecimento da singularidade dos sujeitos e com o enfrentamento de processos de exclusão historicamente presentes na escola.

A proposta da disciplina consistia em analisar a docência e a ação pedagógica em Philippe Meirieu, buscando identificar contribuições da Pedagogia Institucional e Diferenciada para a construção de currículos anticapacitistas. Tal percurso permitiu não apenas revisitar criticamente a obra do autor, mas também problematizar práticas escolares historicamente naturalizadas, muitas vezes excludentes, homogeneizadoras e pouco sensíveis às diferenças que constituem os sujeitos. Além disso, possibilitou resgatar o debate acerca da função social da

[2] Philippe Meirieu (1949–) é um pedagogo, pesquisador e professor universitário francês, especialista em Ciências da Educação. Sua trajetória articula estudos em Filosofia e Letras, formação para o magistério, atuação docente na educação básica e intensa participação nos debates pedagógicos contemporâneos, sendo reconhecido como uma das principais referências da pedagogia francesa contemporânea.

escola, de suas finalidades educativas e do papel do professor diante de contextos marcados pela diversidade humana. Foi justamente a partir desse movimento que retomei o acompanhamento das produções, entrevistas e conferências mais recentes de Meirieu, buscando compreender como esse intelectual tem refletido sobre a emergência da Inteligência Artificial na sociedade contemporânea e, particularmente, sobre seus impactos para a educação. À medida que esse percurso se aprofundava e novos elementos teóricos se apresentavam, tornou-se cada vez mais evidente a atualidade e a pertinência de suas reflexões para pensar os desafios educacionais contemporâneos. Foi desse movimento de estudo, retomada e problematização que emergiu a proposta de desenvolvimento do presente artigo.

Dado o que foi proposto, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, tomando como material empírico obras, artigos e materiais audiovisuais de Philippe Meirieu. Inicialmente, recorreu-se aos mecanismos de busca *Google* e *Yandex* para realizar um levantamento das produções do autor. Posteriormente, foram consultados o *YouTube* e o site oficial[3] de Philippe Meirieu, a fim de identificar outros materiais pertinentes à investigação. Sobre os critérios de seleção, foram considerados trabalhos que abordassem, direta ou indiretamente, as relações entre educação e Inteligência Artificial, de modo a reunir algumas das principais reflexões do autor sobre a temática e possibilitar uma compreensão mais ampla de suas contribuições para o debate contemporâneo acerca da temática. Também se optou por um recorte temporal de cinco anos, compreendido entre 2021 e 2026. Em vista da diversidade de materiais, optou-se por considerar diferentes tipos de produção, os quais foram lidos ou assistidos individualmente, com a elaboração de notas e transcrições dos principais trechos e ideias. Posteriormente, esse conjunto foi analisado de maneira articulada. Em ordem cronológica, o material selecionado inclui: o livro *Qui veut encore des professeurs?* (Meirieu, 2023)[4]; o artigo *Enseignement: qui a peur des robots conversationnels?* (Meirieu, 2024); o artigo de opinião *Avec l'IA, c'est le modèle politique de notre école qui est en jeu* (Meirieu, 2025); e a conferência *Quelle place pour l'IA en éducation?* (Meirieu, 2026).

[3] O site oficial de Philippe Meirieu se encontra disponível em: https://meirieu.com/. Acesso em: 13 nov. 2026.
[4] Cabe referir que, apesar de esta obra ter sido selecionada para compor o conjunto de materiais analisados, Philippe Meirieu possui trabalhos mais recentes, como *Éducation: rallumons les Lumières!* (2024), *Pédagogies et neurosciences: du dialogue impossible à la complémentarité* (2024), em parceria com Grégoire Borst, e *Parce que nous croyons encore en l'éducation* (2026), este último escrito em parceria com Xavier Bouchereau. Todavia, não foi possível consultar tais publicações até o momento de realização da pesquisa.

Após a análise do material selecionado, foi possível estabelecer eixos que norteiam a discussão desenvolvida no presente artigo, sendo eles: o problema político-estrutural; a pretensa neutralidade da IA; a reconfiguração da avaliação educacional; e o papel do professor e a relação com o saber. Atrelado a isso, recorreu-se a outros trabalhos que versam sobre educação, escola e Inteligência Artificial. O objetivo é complementar e dialogar com as contribuições de Philippe Meirieu, sem, contudo, desviar-se do objetivo central da pesquisa, que consiste em focalizar suas reflexões acerca dessas problemáticas contemporâneas. Para dar continuidade ao que foi proposto, discute-se a seguir de maneira introdutória alguns dos atravessamentos da Inteligência Artificial na educação. Posteriormente, adentra-se nas reflexões e contribuições de Meirieu, buscando compreender como o autor interpreta os desafios, tensionamentos e implicações decorrentes da emergência dessas tecnologias para a educação contemporânea.

Os atravessamentos da Inteligência Artificial na educação

A emergência da Inteligência Artificial tem transformado as dinâmicas de produção, circulação e acesso ao conhecimento, operando como uma ferramenta de potencialização das capacidades humanas. Esse movimento estende-se de forma expressiva ao campo educacional, fazendo com que transformações significativas ocorram nos processos de gestão, ensino e aprendizagem (Finamor; Silva; Silva, 2025). Para a continuidade da discussão, cabe compreender que a IA abrange um amplo espectro de domínios, incluindo a vida artificial, a automação, a computação bioinspirada, a cibernética e os sistemas híbridos de inteligência, entre tantos outros exemplos (Mueller; Massaron, 2020; Santaella, 2023).

No presente artigo, o recorte de análise está direcionado à IA generativa, a qual se distingue da IA preditiva, esta centrada na extração de padrões de dados e na realização de previsões em tarefas específicas. A IA generativa, por outro lado, opera de forma a produzir conteúdos originais a partir de grandes bases de dados – em um movimento que utiliza dados para a geração de novos dados (Santaella, 2023; Santaella; Kaufman, 2024). Assim, ao longo do artigo, entendem-se como exemplos de IA generativa os sistemas mais diretamente relacionados às transformações contemporâneas dos processos de mediação do saber, produção textual e avaliação educacional. Destacam-se, neste recorte analítico, os sistemas ChatGPT, desenvolvido pela *OpenAI*, *Claude*, da *Anthropic*, *Copilot*, da *Microsoft*, e *Gemini*, do *Google*, os quais serão tomados como referência empírica quando, ao longo do texto, se fizer menção à IA generativa.

Dando continuidade à discussão, cabe considerar que, apesar de seu potencial transformador, uma série de problemáticas emerge, seja no tocante à sua integração nos contextos educacionais, seja na própria forma como a sociedade e as instituições lidam com essa emergência tecnológica. Trata-se de uma expansão que não ocorre sem entraves, persistindo um distanciamento entre seu uso prático e os fundamentos éticos, pedagógicos e reflexivos que deveriam orientar sua utilização (Finamor; Silva; Silva, 2025). É nesse sentido que a IA pode ser compreendida em sua complexidade como um dispositivo sociotécnico e político. Trata-se de uma tecnologia capaz de simular determinados processos cognitivos humanos que, todavia, não substitui a consciência histórica, o julgamento ético ou a capacidade crítica dos sujeitos. Reconhece-se seu potencial enquanto recurso didático e científico emergente, mas não como substituto do pensamento crítico. Nessa perspectiva, a integração da IA na sociedade e, mais especificamente, no espaço educacional exige atenção e equilíbrio constantes entre a inovação tecnológica e os princípios éticos e humanísticos. Assim, são múltiplos os desafios, tensionamentos e atravessamentos que emergem desse processo e que demandam reflexão crítica por parte dos diferentes atores envolvidos (Coelho, 2026).

Nessa complexa relação entre educação e IA, entende-se ser necessária a adoção de uma postura equilibrada que não tenda a demonizar ou negar a Inteligência Artificial – algo praticamente inviável no contexto contemporâneo –, assim como não busque exaltá-la como uma solução universal ou incontestável. Deve-se explorar, questionar e tensionar as formas pelas quais a IA adentra o campo educacional, de modo a potencializar suas contribuições e, simultaneamente, problematizar os desafios, limites e implicações decorrentes de sua inserção na educação. Trata-se de um movimento experimental e, em certa medida, arriscado, mas que precisa ser assumido, enfrentado e explorado (Fortes, 2025a). Nesse sentido, compreende-se ser fundamental recorrer a autores do próprio campo da educação. Apesar de muitas vezes não terem a temática da IA como foco central de suas reflexões, eles podem apresentar contribuições significativas para compreender e resgatar a especificidade da escola e do processo educativo. Além disso, é importante considerar o papel fundamental que os professores desempenham em um contexto marcado por constantes transformações tecnológicas, sociais e culturais.

É o caso do pedagogo francês Philippe Meirieu, cujo trabalho é frequentemente mais conhecido por temas relacionados à prática docente e aos processos de ensino e aprendizagem.

A maioria dos leitores provavelmente relaciona a obra do autor a trabalhos publicados no Brasil, como *Aprender... sim, mas como?* (1998), *A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar* (2002), *O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender* (2005) e *Cartas a um jovem professor* (2006). Além disso, *Frankenstein educador* (1998)[5], embora não tenha sido publicado no Brasil, figura entre seus trabalhos mais conhecidos, sendo frequentemente mobilizado em debates sobre educação e formação humana. Todavia, como se propõe demonstrar mais adiante, o autor, enquanto intelectual que permanece amplamente engajado nos debates educacionais contemporâneos, reflete criticamente sobre as problemáticas que atravessam a educação na atualidade e sobre os desafios colocados pela emergência de novas tecnologias. Ele também apresenta importantes contribuições acerca das relações entre educação e Inteligência Artificial. Tais reflexões, ainda pouco exploradas no contexto brasileiro, serão apresentadas e discutidas a seguir.

O problema político-estrutural

Conforme concebe Philippe Meirieu, a IA apresenta-se como um elemento incontornável no âmbito educacional, isto é, está presente no cotidiano dos estudantes, não sendo possível ignorar seus efeitos (Meirieu, 2025; 2026). Trata-se de um fenômeno disseminado, cada vez mais incorporado às práticas educacionais, não sendo raro que seus resultados provoquem certo encantamento. Isso ocorre porque, embora opere a partir de princípios relativamente simples, a IA demonstra elevada eficácia na coleta e organização de informações, bem como na produção textual (Meirieu, 2024). Todavia, mesmo quando emergem questionamentos a seu respeito, o debate tende a permanecer em um nível instrumental – centrado em como utilizá-la no cotidiano escolar –, quando deveria deslocar-se para a problematização de seus efeitos sobre a própria organização da instituição escolar. Nesse sentido, a discussão em torno da IA na educação revela-se menos pedagógica e operacional e mais política e estrutural (Meirieu, 2025).

Em sua leitura, a escola configura-se como um espaço de encontro entre diferentes sujeitos e formas de inteligência. Ela se constitui como um lugar de acesso comum ao conhecimento e, sobretudo, como um ambiente no qual a experiência educativa se dá coletivamente, e não de forma isolada. Assim, o coletivo figura como condição da educação, contribuindo para a construção do comum, para a formação cidadã e para a vida em sociedade.

[5] Neste trabalho, a referência a *Frankenstein educador* corresponde à edição em língua espanhola.

Contudo, com os atravessamentos da IA, outra lógica tende a se instaurar. Instrução e socialização passam a ser concebidas como dimensões dissociáveis. A primeira é progressivamente individualizada e adaptativa, enquanto a segunda se restringe a momentos específicos, como atividades artísticas, esportivas ou espaços pontuais de convivência. Nesse cenário, a aprendizagem passa a ser tratada como um processo otimizável e previsível. A ideia de igualdade cede lugar à valorização da excepcionalidade individual, reforçando uma cultura de competição e individualização extrema (Meirieu, 2025).

Essa reconfiguração não incide apenas sobre os modos de aprender, mas afeta diretamente o caráter democrático da escola, tensionando as condições de construção do comum e de convivência entre sujeitos distintos. Nessa perspectiva, a escola é compreendida, a partir de Meirieu, como espaço de confrontação entre diferentes pontos de vista que, ainda que antagônicos, ao entrarem em tensão, podem abrir novas perspectivas ou mesmo possibilitar a construção de soluções. Esse movimento democrático deve operar de modo a não excluir sujeitos ou posições do campo de consideração. Assim, os diferentes pontos de vista devem ser reconhecidos como legítimos, ao passo que o interesse coletivo não pode ser reduzido à simples soma ou média das posições individuais. Trata-se, portanto, da construção de algo que ultrapassa os interesses particulares. Nesse sentido, a democracia só pode ser exercida por sujeitos que se engajam conjuntamente na busca por soluções. E não por sistemas automatizados que operam a partir de cálculos estatísticos ou de relações de força. Isso ocorre uma vez que suas respostas são produzidas com base em dados atravessados por vieses específicos (Meirieu, 2024).

O que propõe Gert Biesta encontra-se em consonância com essas formulações, ao compreender que é por meio do encontro com o mundo – entendido como um espaço no qual a pluralidade e a diferença se manifestam – que o sujeito pode tornar-se “presença”, isto é, passar a existir no mundo enquanto sujeito, sendo reconhecido e, ao mesmo tempo, exposto à diferença. Trata-se de um processo que só se realiza quando nos deparamos com um mundo povoado por outros que não são como nós. Esse mundo, para além de constituir uma condição necessária para que os sujeitos possam efetivamente tornar-se presença, apresenta-se também como uma condição complexa e problemática, fazendo com que a educação se configure como um processo inerentemente difícil (Biesta, 2021), reafirmando que ela se constitui precisamente nesse espaço de indeterminação, no qual a presença do sujeito só pode emergir na relação com

o outro, escapando, portanto, a qualquer lógica que pretenda antecipar, calcular ou estabilizar seus efeitos.

Atrelado às problemáticas tensionadas até aqui, Meirieu ainda disserta sobre os perigos da perspectiva de que a Inteligência Artificial seria capaz de fornecer todas as informações necessárias ao sujeito para que este possa orientar adequadamente suas escolhas. Todavia, essa perspectiva, que tem sido por vezes fomentada no interior da própria escola, reduz o real a um algoritmo, quando, na verdade, as problemáticas que atravessam os sujeitos e a sociedade como um todo são muito mais complexas do que isso. Nesse movimento, os julgamentos e as decisões tendem a ser progressivamente delegados a sistemas automatizados, o que implica um enfraquecimento da democracia e da autonomia dos sujeitos. Os sujeitos constituídos a partir dessa lógica tornam-se cada vez mais dependentes de dispositivos externos para interpretar a realidade, formular juízos e posicionar-se diante das situações que os interpelam, seja na escola, seja na sociedade. Como consequência, enfraquece-se a autonomia intelectual, entendida por Meirieu como uma das finalidades centrais da educação, isto é, a formação de sujeitos capazes de pensar por si mesmos, exercer discernimento crítico e participar conscientemente da vida social e democrática (Meirieu, 2026).

Esse cenário constituiria justamente uma ruptura em relação às promessas emancipatórias historicamente associadas ao advento e ao desenvolvimento tecnológico. Em vez de favorecer a ampliação da autonomia dos sujeitos, corre-se o risco de produzir formas crescentes de dependência em relação a dispositivos tecnológicos. Trata-se de um movimento que, mais do que uma humanização da máquina, pode culminar em uma progressiva artificialização do ser humano. Tal possibilidade aproxima-se de cenários frequentemente explorados pelo cinema e pela literatura de ficção científica, nos quais a delegação crescente de capacidades humanas às tecnologias termina por produzir sujeitos cada vez menos autônomos diante do mundo que os cerca (Fortes, 2026).

O autor destaca, ainda, o papel fundamental da educação em um contexto marcado pela crescente presença da Inteligência Artificial. Por meio da pedagogia, desenvolve-se um trabalho lento e paciente. Isso possibilita aos sujeitos – crianças e adolescentes, com o acompanhamento de adultos – deslocarem-se de posições marcadas pelo narcisismo e pela ilusão de controle absoluto. Eles se abrem à relação com o outro e à construção da vida em comum. Trata-se de um processo cujo resultado é radicalmente imprevisível, não passível de cálculo por máquinas, mas produzido a partir do engajamento coletivo, continuamente renovado. Inscreve-se, assim,

no domínio do incalculável (Meirieu, 2024). A partir dessas reflexões, compreende-se que a promessa da Inteligência Artificial não se restringe ao plano pedagógico. Trata-se também da possibilidade de substituição do encontro educativo por um modelo de formação individualizada, orientado pela eficiência e por lógicas técnico-operacionais. Isso coloca em risco o próprio fundamento político da escola como espaço de construção do comum. Nesse contexto, torna-se ainda mais necessário reforçar, no campo educacional, a formação para a democracia, articulando o apoio ao surgimento de singularidades capazes de pensar por si mesmas com a capacidade de construir, coletivamente, o comum.

A pretensa neutralidade da IA

Outro elemento a considerar refere-se à pretensa neutralidade atribuída à inteligência artificial, algo que ela própria reivindica quando questionada. A questão que emerge diz respeito a que tipo de "neutralidade" estaria em jogo. Conforme Philippe Meirieu, em termos práticos, a IA, por meio de suas respostas, tende a suavizar conflitos, eliminar tensões e evitar posicionamentos. Com isso, o sujeito que a ela recorre é colocado em uma posição de passividade ou, nos termos do autor, na posição de "asno de Buridan"[6]. Ao reduzir a complexidade, as divergências são transformadas em oposições formais, sem que haja um efetivo aprofundamento nas disputas de sentido. Assim, imerso em um espaço de indecisão e sem critérios consistentes para julgamento, o sujeito-usuário da IA carece de movimento reflexivo ou daquilo que Jean Piaget denomina "abstração reflexiva", uma vez que a informação não é efetivamente convertida em reflexão. Nesse sentido, se o ato de pensar exige escolha, implicação pessoal e questionamento, tais dimensões não são realizadas pela IA, tampouco por ela incentivadas (Meirieu, 2024).

Um dos principais pontos destacados por Meirieu nessa perspectiva refere-se à ideia de que a IA opera por meio de "ocorrências estatísticas", ou seja, a partir de uma lógica de média estatística, tomando como verdade aquilo que estatisticamente mais se repete em seus bancos de dados (Meirieu, 2024; 2026). A suposta neutralidade revela-se, assim, ilusória, uma vez que suas respostas se organizam em torno do "maior denominador comum". Nesse contexto, o autor

[6] Trata-se de um paradoxo filosófico sobre livre-arbítrio e tomada de decisão. A alegoria refere-se ao impasse da escolha: diante de estímulos iguais (comida e água), o animal não consegue agir por falta de um critério de desempate, perecendo devido à sua própria indecisão

estabelece uma distinção fundamental entre “lugares-comuns” e “o comum”: enquanto os primeiros remetem a regularidades quantitativas, aquilo que é mais amplamente compartilhado, o segundo se constrói a partir do questionamento coletivo, orientado à superação da mera justaposição de pontos de vista individuais (Meirieu, 2024).

Além disso, os lugares-comuns situam-se no domínio dos dados estatísticos, ao passo que o comum exige um trabalho de confronto com a alteridade, o qual permite acessar aquilo que se constrói para além – ou aquém – das diferenças. Nessa direção, os lugares-comuns configuram-se como dados prontos, passíveis apenas de constatação, enquanto o comum demanda um esforço ativo de escuta, incorporação do outro e elaboração conjunta, possibilitando avançar em direção a algo que ainda não está dado (Meirieu, 2024). Dessa forma, a IA não produz conhecimento crítico, mas sim respostas médias, neutras apenas em aparência, que apagam conflitos, desestimulam a reflexão e favorecem a conformidade em detrimento da singularidade e do pensamento, culminando no empobrecimento das experiências cognitivas e na supressão de formas mais complexas de elaboração intelectual.

Essa pretensa – e problemática – neutralidade da IA, discutida por Philippe Meirieu, relaciona-se diretamente com a crítica de Evgeny Morozov. Ele argumenta que, dado o contexto de sua emergência – marcado pela interseção entre política, tecnologia e interesses econômicos –, constitui um equívoco concebê-la como uma tecnologia pós-ideológica. Sob a promessa de racionalidade e eficiência, a IA tende a simplificar a complexidade das relações humanas por meio de regras algorítmicas (Morozov, 2018). De modo semelhante ao que ocorre na leitura de obras literárias ou na análise de produções cinematográficas, o uso da IA demanda a formulação de questionamentos críticos, sobretudo acerca de quem a desenvolve e com quais finalidades. Como Dora Kaufman reflete:

> Os modelos de decisão automatizados trazem inúmeros benefícios aos indivíduos e à sociedade, contudo, contêm riscos. Entre outros, perpetuam os preconceitos e geram assimetria de informação entre os indivíduos e as instituições detentoras de grandes conjuntos de dados (cujos modelos de negócio são baseados em extrair informações úteis desses dados). O fato é que não sabemos por que os modelos de inteligência artificial fazem as escolhas que fazem, e essa dificuldade cresce proporcionalmente ao aumento da complexidade dos próprios modelos (Kaufman, 2022, p. 76).

Tal problematização permite evidenciar os vieses presentes nos sistemas e nas bases de dados que os alimentam. Como problematiza Meirieu, os bancos de dados a partir dos quais a IA opera reúnem uma imensidão de informações e conhecimentos. Todavia, isso não significa que tudo esteja ali representado (Meirieu, 2026). É necessário, assim, questionar aquilo que

permanece ausente: quais saberes foram excluídos, quais perspectivas foram invisibilizadas, quais vozes foram silenciadas e quais experiências foram marginalizadas. Trata-se de reconhecer que toda base de dados resulta de processos de seleção, classificação e hierarquização que não são neutros. Nesse sentido, conhecimentos locais, tradições orais, experiências comunitárias, perspectivas minoritárias e formas não hegemônicas de compreender o mundo podem ser sub-representados ou mesmo desconsiderados. Assim, mais do que perguntar sobre o que a IA sabe, torna-se igualmente necessário interrogar aquilo que ela ignora, não registra ou é incapaz de reconhecer.

Nesse contexto, Philippe Meirieu destaca a importância de desenvolver, no âmbito educacional, um trabalho sistemático de problematização das produções geradas por sistemas de IA. Tal movimento implica não apenas incentivar a formulação de perguntas variadas, com vistas à comparação de respostas, mas também promover o confronto dessas produções com fontes tradicionais de conhecimento, como manuais e enciclopédias. Trata-se, ainda, de conduzir os estudantes à identificação de fragilidades discursivas presentes nesses textos, tais como generalizações excessivas, definições imprecisas, recorrência a estereótipos, ambiguidades semânticas, contradições internas e o uso de estratégias linguísticas que atenuam ou evitam posicionamentos mais claros. Ao enfatizar tais aspectos, esse trabalho se configura como parte constitutiva da formação do espírito crítico. Isso possibilita não apenas uma leitura mais atenta e reflexiva das produções da inteligência artificial, mas também o desenvolvimento de maior rigor e exigência em relação às próprias práticas de escrita dos sujeitos (Meirieu, 2024).

A reconfiguração da avaliação educacional

Destaca-se que a emergência dos sistemas de Inteligência Artificial tensiona, também, os modos tradicionais de avaliação escolar, sobretudo aqueles ancorados na conformidade a normas padronizadas e impessoais. Quando o critério avaliativo se estrutura a partir da adequação a modelos previamente definidos, a correção formal, a fluidez textual e a ausência de desvios são tomadas como indicadores de qualidade. Evidencia-se uma aproximação significativa entre aquilo que se espera dos estudantes e aquilo que as máquinas são capazes de produzir com elevada eficiência (Meirieu, 2024). Caso se mantenha uma lógica avaliativa que privilegie exclusivamente a conformidade, por meio de avaliações concebidas para admitir

apenas um tipo determinado de resposta, a Inteligência Artificial tenderá a demonstrar desempenho superior ao dos seres humanos. Isso ocorre porque a conformidade constitui precisamente sua principal especialidade (Meirieu, 2026).

Nesse enquadramento, a singularidade tende a ser compreendida como erro ou ruído a ser eliminado, favorecendo produções homogêneas, previsíveis e ajustadas a determinadas expectativas. Como consequência, instaura-se uma tensão no interior do processo educativo, na medida em que os escritos dos estudantes, marcados por hesitações, desvios e tentativas, passam a ser desvalorizados frente à aparente perfeição técnica dos textos gerados por sistemas automatizados (Meirieu, 2024). Algo que, pelo contrário, deveria ser explorado enquanto forma de avaliação construtiva, oferecendo orientações e apoio para que o aluno possa refazer seu caminho e ir além (Meirieu, 2023). Nesse movimento, esvazia-se, em certa medida, o próprio sentido formativo da avaliação. Os erros deixam de ser compreendidos como parte constitutiva do processo de aprendizagem – como indícios de elaboração, de tentativa e de construção – para serem tratados apenas como falhas a serem eliminadas. Com isso, perde-se a possibilidade de acompanhar os percursos dos sujeitos, bem como de reconhecer, nos desvios e nas imperfeições, elementos fundamentais para a produção do conhecimento.

Diante desse cenário, impõe-se a necessidade de uma reconfiguração do paradigma avaliativo, deslocando o foco da conformidade para a articulação entre originalidade e exigência[7]. Trata-se de reconhecer, por um lado, a importância da expressão singular, entendida como manifestação de um percurso próprio de pensamento, e, por outro, a necessidade de rigor, precisão e compromisso com a construção do conhecimento. Esses dois critérios, longe de serem excludentes, constituem-se de forma indissociável: sem a originalidade, prevalece a lógica da automatização e da reprodução; sem a exigência, a expressão singular corre o risco de dissolver-se em formas de incomunicabilidade (Meirieu, 2024). Outra possibilidade de enfrentamento dessa problemática, no que se refere aos processos avaliativos, consiste na revalorização da avaliação oral. Nessa modalidade, aspectos como a capacidade de expressão, o diálogo, a argumentação, o debate, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento podem ser amplamente explorados, sem o apoio direto de sistemas de Inteligência Artificial (Meirieu, 2026).

[7] Para Meirieu, a exigência – ou rigor – consiste na capacidade de elaborar, justificar e sustentar um percurso singular de pensamento com coerência, precisão e consistência intelectual, distinguindo-se tanto da mera reprodução quanto da expressão subjetiva desprovida de fundamentação.

Consequentemente, e reforçando um aspecto anteriormente discutido, deve-se privilegiar o próprio processo investigativo e a metodologia da pesquisa, dimensões que não podem ser plenamente substituídas pelas respostas produzidas por sistemas de IA. Embora essas ferramentas sejam capazes de fornecer informações, elas não revelam os percursos efetivamente realizados, tampouco explicitam as escolhas metodológicas, as dúvidas enfrentadas e os movimentos intelectuais envolvidos na construção do conhecimento. Nesse movimento, passa-se a valorizar o trabalho efetivamente desenvolvido pelo estudante, atentando-se para os procedimentos empregados, os caminhos percorridos e as estratégias utilizadas para alcançar determinadas conclusões, mais do que para a resposta final considerada isoladamente. Torna-se relevante questionar quais fontes foram consultadas, quais experiências foram mobilizadas, com quais sujeitos o estudante dialogou e de que maneira construiu sua compreensão sobre o problema investigado. Assim, os primeiros passos, os percursos realizados e o movimento de construção do conhecimento passam a assumir maior importância do que o resultado em si, reafirmando o caráter formativo da avaliação (Meirieu, 2026).

Cabe conceber que a Inteligência Artificial pode ser benéfica para a realização daquilo que já se sabe fazer, mostrando-se particularmente eficaz na execução rápida de tarefas rotineiras e operacionalmente simples. A problemática, contudo, reside, em grande medida, no fato de que a IA vem sendo mobilizada para realizar tarefas sem que o estudante compreenda os processos envolvidos em sua execução (Meirieu, 2026). Nessa perspectiva, a tecnologia pode atuar como instrumento de apoio, ampliando a eficiência em determinadas atividades e liberando tempo para processos mais complexos de reflexão, criação e investigação. Todavia, quando a tecnologia passa a substituir a atividade intelectual do sujeito, em vez de auxiliá-la, corre-se o risco de instaurar uma relação de dependência cognitiva. Se a Inteligência Artificial realiza algo em lugar do estudante, enquanto este não domina os conhecimentos, procedimentos ou competências necessárias para executar tal tarefa por si próprio, a tendência é que o processo de aprendizagem seja interrompido ou enfraquecido.

Apesar de todas as problemáticas que possam ser debatidas, a IA não se refere a algo que é capaz de ser simplesmente excluído do cotidiano dos alunos, que habitualmente fazem uso dessas ferramentas; assim, a simples proibição mostra-se improdutiva e pouco eficaz (Meirieu, 2026). Nesse sentido, longe de serem descartados, os sistemas de IA podem ser incorporados como ferramentas auxiliares no processo educativo. Eles contribuem para a

organização de informações e a produção de esboços iniciais. Isso é possível desde que submetidos a um trabalho de reapropriação por parte dos sujeitos, no qual a escrita se configure como prática de elaboração, transformação e engajamento (Meirieu, 2024).Considerando que os atravessamentos da IA na educação são relativamente recentes e se encontram em constante transformação, cabe considerar uma postura de experimentalismo pedagógico no âmbito dos processos avaliativos, de modo que novas formas de avaliação possam ser ensaiadas e tensionadas, buscando romper com lógicas avaliativas naturalizadas e historicamente estabilizadas (Fortes, 2025b).

Embora essa perspectiva do autor e suas sugestões no tocante à avaliação possam, em um primeiro momento, parecer mais diretamente aplicáveis a áreas como as ciências humanas e linguagens – nas quais a produção textual, a interpretação e a argumentação ocupam lugar central. As provocações de Philippe Meirieu permitem tensionar o campo da avaliação em um espectro mais amplo. Isso porque sua crítica não se dirige a conteúdos específicos, mas à própria lógica avaliativa que reduz o conhecimento à conformidade a normas, procedimentos e resultados previamente estabelecidos. Tal racionalidade atravessa diferentes áreas do conhecimento, inclusive aquelas tradicionalmente compreendidas como mais técnicas ou exatas, nas quais, não raramente, a ênfase recai sobre a obtenção do resultado correto em detrimento da explicitação dos processos de pensamento que o sustentam. Assim, a discussão proposta pelo autor convida a repensar os modos de avaliar para além da verificação de respostas, deslocando o foco para a compreensão dos percursos, das escolhas e das formas pelas quais os sujeitos se engajam na produção do conhecimento.

O papel do professor e a relação com o saber

Historicamente, reformas mal conduzidas, assim como promessas não cumpridas em relação aos professores, fizeram com que, cada vez mais, a profissão fosse desacreditada, culminando, muitas vezes, na escassez de profissionais. Há, assim, uma falta que se torna estrutural (Meirieu, 2023). Essa percepção, naturalmente, emerge a partir do contexto no qual Philippe Meirieu está inserido, todavia, entende-se que se trata de uma problemática que também se faz presente no contexto brasileiro. Não bastassem os problemas e adversidades que historicamente atravessam a docência, somam-se, na contemporaneidade, aqueles que emergem a partir dos atravessamentos da Inteligência Artificial no espaço escolar.

O incremento dessas tecnologias – seja de forma parcial ou mesmo total, como projetam alguns discursos entusiastas – culmina em uma reconfiguração não apenas do papel do professor, mas, sobretudo, da própria relação que se estabelece com o saber. Nesse cenário, o autor aponta que o sentido da relação pedagógica entre mestre e aluno é profundamente tensionado, quando não invertido, podendo ser reduzido a uma mera troca de informações. Contudo, essa relação, em sua acepção mais ampla, não se limita à transmissão de conteúdos, configurando-se como um convite à insatisfação com o já dado e à mobilização constante para ir além (Meirieu, 2024).

Torna-se fundamental reconhecer que a escola não pode ser reduzida a uma lógica de eficiência, previsibilidade e controle, tal como frequentemente se espera em contextos marcados pela racionalidade técnica. Trata-se, antes, de um espaço atravessado por encontros imprevisíveis entre sujeitos singulares, nos quais aquilo que se produz não pode ser antecipado, padronizado ou replicado. Cada turma, cada situação e cada interação constituem-se como acontecimentos únicos, marcados por uma "variável humana" que escapa a qualquer tentativa de total regulação. É precisamente esse caráter imprevisível que entra em tensão com o avanço de tecnologias orientadas pela padronização e pela previsibilidade.

Nesse movimento, ao mesmo tempo em que se exige da escola respostas cada vez mais rápidas e eficazes, coloca-se em questão aquilo que lhe é mais próprio: sua dimensão humana, relacional e contingente. Assim, ao acusar a escola de não responder adequadamente às demandas contemporâneas, corre-se o risco de sugerir, ainda que implicitamente, a necessidade de neutralizar aquilo que a constitui. Isto é, a presença de professores enquanto sujeitos, com suas singularidades, modos de fazer e formas próprias de se relacionar com o conhecimento e com os estudantes (Meirieu, 2023).

Não é de se admirar que, atualmente, haja discursos que advogam pela redução do papel docente a funções de acompanhamento individual, sob a justificativa de que a transmissão de conhecimentos poderia ser realizada de forma mais eficiente por dispositivos tecnológicos (Meirieu, 2023). Nessa lógica, projeta-se um cenário no qual a docência é esvaziada de sua dimensão relacional e reduzida a uma função de monitoramento, enquanto a Inteligência Artificial assume a centralidade na organização e oferta dos conteúdos. Diferentemente dos seres humanos, tais sistemas não se cansam, não entram em conflito e operam de forma contínua, ajustando conteúdos e atividades conforme parâmetros previamente definidos.

Contudo, essa perspectiva ignora que a atividade docente não se limita à execução de procedimentos, mas constitui-se como prática situada, inventiva e relacional, pertencente ao campo das "artes de fazer", no qual o professor cria situações, propõe caminhos e sustenta processos que não controla integralmente (Meirieu, 2023).

É nesse cenário que se evidencia uma das tensões centrais do campo educacional contemporâneo: os professores são, simultaneamente, reconhecidos como condição de possibilidade da educação e tomados como obstáculo à sua plena racionalização. Por um lado, busca-se potencializar sua atuação; por outro, procura-se controlar, padronizar e, em certa medida, neutralizar sua dimensão subjetiva, por meio da imposição de protocolos, metodologias universais e ferramentas supostamente infalíveis. Essa ambivalência revela uma tentativa de compatibilizar a presença do professor com uma lógica tecnocrática que, em última instância, tende a esvaziar sua singularidade (Meirieu, 2024).

Essa nova dinâmica instaurada pela Inteligência Artificial opera de forma dupla no que se refere à relação com o saber: ao mesmo tempo em que satisfaz o desejo de saber, tende a enfraquecer o desejo de aprender. Isto é, ao produzir respostas imediatas e aparentemente objetivas, esvazia-se a dinâmica do questionamento, elemento central do processo educativo. Nesse movimento, o pensamento tende a ser encerrado em respostas prontas, operando no sentido oposto àquilo que se esperaria da relação entre professor e aluno, na qual perguntas são suscitadas de forma a tensionar e desestabilizar noções pré-concebidas. Trata-se de um deslocamento preocupante, sobretudo em um contexto no qual os sujeitos são constantemente bombardeados por publicidades, redes sociais, slogans populistas e teorias conspiratórias (Meirieu, 2024). Para além disso, fragiliza-se aquilo que pode ser compreendido como a dimensão antropológica da docência, na medida em que o professor deixa de ser reconhecido como aquele que convoca os sujeitos a se constituírem como humanos em relação com o mundo e com os outros (Meirieu, 2023).

Nesse contexto, as escolas passam a operar sob uma lógica que coloca professores e Inteligência Artificial em uma relação de concorrência desigual, uma vez que a mera acumulação e transmissão de conhecimentos se mostram insuficientes diante de estudantes já saturados de informações que os atravessam cotidianamente. Diante disso, desloca-se a centralidade do trabalho docente, que deixa de se sustentar na detenção do saber, algo que a IA passa a desempenhar muito bem. Cabe, assim, a afirmação do docente por meio de sua capacidade de instaurar condições de problematização, questionamento e elaboração coletiva

(Meirieu, 2024). Trata-se de algo que as máquinas mais sofisticadas são incapazes de realizar – ou seja, não se trata apenas de um saber, mas de uma relação com o saber (Meirieu, 2023). Assim, essa relação também é tensionada diante do contexto emergente, pois não cabe apenas compreendê-lo como algo a ser acumulado ou reproduzido, mas refere-se a um complexo processo em construção, atravessado por dúvidas, tensões e disputas de sentido, no qual o professor atua como mediador, provocador e sustentador do desejo de aprender (Meirieu, 2024).

Intrinsecamente relacionado a isso, destaca-se a ausência de uma dimensão axiológica[8] própria por parte da Inteligência Artificial, cuja lógica de funcionamento está fundamentada na eficiência, no mensurável e no objetivável, isto é, na execução de procedimentos previamente definidos por sua programação. Embora os sistemas de IA sejam desenvolvidos a partir de valores, interesses e escolhas humanas – uma vez que são programados por pessoas e treinados com determinados conjuntos de dados. Eles não possuem a capacidade de refletir criticamente sobre esses valores nem de deliberar autonomamente acerca deles (Meirieu, 2026).

A questão reside no fato de que, apesar de a sociedade contemporânea frequentemente promover e privilegiar a técnica como critério de decisão, grande parte das escolhas realizadas no cotidiano social não se refere a problemas estritamente técnicos, mas a questões de natureza axiológica. É nessa perspectiva que se reforça o lugar do professor, enquanto sujeito capaz de interagir, interpretar e confrontar outros seres humanos em sua singularidade. Diante de situações imprevistas, esse sujeito mobiliza formas de julgamento que não podem ser reduzidas a algoritmos ou protocolos técnicos (Meirieu, 2026). Ou seja, a atuação do professor exige discernimento, sensibilidade e capacidade de deliberação, características que permanecem fundamentalmente humanas e que conferem à educação uma dimensão irredutível à automatização.

Nesse movimento, reforça-se a afirmação do professor como referência, cuja presença e competência testemunham a existência de outros mundos e os apresentam aos alunos – com outras linguagens, culturas e universos. É por meio de sua atuação que se possibilita a ampliação do horizonte dos estudantes, deslocando-os das determinações imediatas e inserindo-os em uma herança cultural comum. Nessa perspectiva, a escola constitui-se como espaço em que a

[8] Entende-se por axiologia o campo da Filosofia dedicado ao estudo dos valores. Nesse sentido, questões de natureza axiológica dizem respeito aos princípios, finalidades e escolhas que orientam a ação humana e a vida em sociedade.

singularidade de cada sujeito é reconhecida sem que isso implique sua exclusão do acesso às formas mais elaboradas da cultura. Ela se sustenta em uma relação pedagógica irredutível à lógica técnica e fundada na aposta de que todos são educáveis (Meirieu, 2023). Isso, por sua vez, articula-se diretamente às discussões anteriores acerca do caráter democrático da educação, na medida em que evidencia a necessidade de construção de um comum que não se reduz à homogeneização, mas se constitui na partilha de saberes entre sujeitos singulares.

Nesse direcionamento, Meirieu problematiza as condições que permitem ao professor sustentar uma relação significativa entre os alunos e o saber. Não se trata, nesse caso, de intensificar a oferta de conteúdos – movimento que tende a se acumular sobre o já estabilizado ou a ser percebido como imposição –, mas de produzir uma ruptura na lógica da saturação. O que se coloca em jogo é a abertura de um intervalo, uma espécie de descontinuidade que reinscreve o sujeito diante do conhecimento não como destinatário, mas como alguém implicado em seu percurso. Assim, o saber deixa de operar como resposta e passa a funcionar como problema. Com isso, a experiência educativa não se organiza em torno da completude, mas de uma falta produtiva, que não remete à ausência, e sim à possibilidade. O professor, nesse cenário, não ocupa o lugar de quem encerra o processo, mas de quem o sustenta – tensionando, deslocando, e criando condições para que o encontro com o conhecimento não se reduza à repetição. Trata-se de um equilíbrio instável, sempre situado, que exige atenção às resistências, às opacidades e às hesitações que atravessam o aprender. É nesse espaço, marcado pela presença e pela imprevisibilidade, que o saber pode ganhar densidade e escapar às formas homogêneas e despersonalizadas que tendem a esvaziar a experiência educativa (Meirieu, 2023).

Conclusões

O presente artigo buscou analisar as contribuições de Philippe Meirieu no tocante a essa íntima e complexa relação entre educação e Inteligência Artificial. O autor, que há anos é uma referência no campo da educação, tem explorado em seu trabalho temas como o lugar e o papel do professor, o cotidiano escolar e a forma como a aprendizagem ocorre. Ele debruçou-se nos últimos anos também em pensar a inserção e os atravessamentos da IA no âmbito educacional. Esse movimento realizado por Meirieu evidencia a importância de que professores e pesquisadores, sobretudo aqueles ligados ao campo educacional, problematizem, tensionem e explorem criticamente tais transformações, evitando leituras tecnicistas ou naturalizadas da tecnologia, assim como aquelas leituras que a exaltam ou a demonizam.

Nesse direcionamento, observou-se que a IA, embora se apresente como recurso de potencialização das práticas educativas, dada as suas particularidades e potencialidades, introduz também tensões profundas no campo da educação. Dentre as problemáticas, pode-se apontar o enfraquecimento ou mesmo a perda do caráter coletivo, crítico e democrático da escola, fazendo com que o individualismo e a ausência de percepção do coletivo e social se sobreponham. Concomitantemente, a IA é frequentemente compreendida de forma equivocada como neutra, desconsiderando os vieses e ideologias que a permeiam e que estruturam os dados a partir dos quais opera, influenciando, consequentemente, suas respostas e produções. Nesse sentido, ao ser compreendida e reduzida a instrumento neutro, produzem-se efeitos perigosos na relação e na construção do próprio saber do sujeito-usuário.

A emergência da IA faz com que haja a necessidade de reconfiguração da avaliação educacional. Nesse sentido, há um paradoxo interessante: ela se apresenta como um problema, obviamente, pois, em uma lógica em que a avaliação se centra na reprodução de conteúdo, na mensuração individualizada do desempenho e no foco em um único e determinado tipo de resposta, a IA tende a ser potencializada, sendo cada vez mais utilizada, enfraquecendo assim qualquer possibilidade de reflexão crítica por parte do estudante. Todavia, ao nos atentarmos a essa problemática, ela também contribui para que se rompa com uma perspectiva tradicional e equivocada que ignorava toda a complexidade dos processos de aprendizagem. Assim, torna-se possível explorar as brechas que se abrem para que a avaliação se torne algo mais abrangente e que considere a singularidade de cada estudante, sobretudo valorizando o processo formativo em detrimento exclusivo do produto final.

Ainda dentro dessa perspectiva, as problemáticas a partir da inserção da IA também fazem com que haja uma reafirmação do papel do professor enquanto sujeito mediador do saber. Ele é responsável pela sustentação de uma relação formativa e crítica com o conhecimento, que não pode ser substituído por uma máquina que se baseia em padrões estatísticos de linguagem e inferência algorítmica. Concomitantemente, a relação com o próprio saber é transformada. Isso pode fazer com que o desejo de aprender seja despertado, em vez de enfraquecido pelo uso da IA. Passemos a valorizar o conhecimento não somente como algo a ser adquirido e acumulado, mas como algo a ser construído, interrogado e explorado em sua dimensão processual, crítica e formativa.

Em linhas gerais, o que Philippe Meirieu provoca é uma retomada – ou mesmo uma reafirmação – da escola enquanto espaço coletivo e democrático. Além disso, é a educação enquanto forma pela qual os sujeitos são apresentados ao mundo, compreendem a si mesmos e interrogam e problematizam o que os cerca. As reflexões, contribuições e provocações do autor constituem um chamado à reafirmação da centralidade da mediação pedagógica e da dimensão ética da formação humana diante das transformações tecnológicas contemporâneas. Nesse sentido, evidencia-se que Meirieu ainda possui um campo teórico relevante a ser explorado para dar conta dos dilemas e problemas contemporâneos. Da mesma forma, cabe considerar que outros autores do campo educacional também podem apresentar potencial teórico e serem acionados para lidar com tais questões, cabendo apenas serem retomados e aprofundados criticamente.

Referências

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Tradução: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

COELHO, G. L. S. Humanidades Digitais e Inteligência Artificial: fronteiras e convergências de um debate inadiável. In: COELHO, G. L. S.; SAYÃO, L. F.; BATISTA, C. (org). **IA, história e ciência**: abordagens multidimensionais do presente. Campos Belos, GO: Itan Editora, 2026. p. 74-91. DOI: 10.59616/1112. Disponível em: https://1drv.ms/b/c/bf81a7d17c32bae2/IQCXKGFsmSKbRbNVRKybGpTXAVPnLOvyLn1deAIk4dngV1M?e=r7hn0C. Acesso em: 05 jun. 2026.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FINAMOR, M. da S.; SILVA, D. J. de S. da; SILVA, N. C. S. C. da. Interfaces entre Humanidades Digitais e Inteligência Artificial na educação: uma revisão de escopo. **Convergências**: estudos em Humanidades Digitais, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 251-291, 2025. DOI: 10.59616/cehd.v1i8.2273. Disponível em: https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/2273. Acesso em: 5 jun. 2026.

FORTES, L. B. A íntima relação entre Escola e Inteligência Artificial. **Convergências**: estudos em Humanidades Digitais, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 26–41, 2025a. DOI: 10.59616/cehd.v1i8.2209. Disponível em: https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/2209. Acesso em: 12 nov. 2026.

FORTES, L. B. Avaliação escolar: uma reflexão sobre a distância entre legislação e escola. **Cadernos Para o Professor**, Juiz de Fora, v. 2, n. 50, p. 66-77, 2025b. DOI: 10.62556/zm1d7e68. Disponível em: https://cadernosparaoprofessorse.pjf.mg.gov.br/cadernos-para-o-professor/article/view/cadernos-para-o-professor-nr-50-6. Acesso em: 25 abr. 2026.

FORTES, L. B. Inteligência Artificial, ciborgues e controle social: reflexões a partir do longa-metragem Substitutos (2009) de Jonathan Mostow. In: COELHO, G. L. S.; SAYÃO, L. F.;

BATISTA, C. (org). **IA, história e ciência**: abordagens multidimensionais do presente. Campos Belos, GO: Itan Editora, 2026. p. 62-73. DOI: 10.59616/1112. Disponível em: https://1drv.ms/b/c/bf81a7d17c32bae2/IQCXKGFsmSKbRbNVRKybGpTXAVPnLOvyLn1deAIk4dngV1M?e=r7hn0C. Acesso em: 06 jun. 2026.

MEIRIEU, P. **Frankenstein educador**. Barcelona: Laertes, 1998.

MEIRIEU, P. **Aprender...sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de começar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEIRIEU, P. **Cartas a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MEIRIEU, P. **Qui veut encore des professeurs?** Paris: Éditions du Seuil, 2023.

MEIRIEU, P. Enseignement: qui a peur des robots conversationnels? **CEMEA**. Publicado em: 2024. Disponível em: https://cemea.asso.fr/les-champs-d-action/medias-et-numerique-libre/l-ia-quelques-elements-de-reflexion. Acesso em: 19 abr. 2026.

MEIRIEU, P. Philippe Meirieu, pédagogue: Avec l'IA, c'est le modèle politique de notre école qui est en jeu. **Le Monde**. Publicado em: 16 set. 2025. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2025/09/16/philippe-meirieu-pedagogue-avec-l-ia-c-est-le-modele-politique-de-notre-ecole-qui-est-en-jeu_6641334_3224.html. Acesso em: 18 abr. 2026.

MEIRIEU, P. Quelle place pour l'IA en éducation? **Youtube**. Publicado em: 21 jan. 2026. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aQZshT98KMU. Acesso em: 25 abr. 2026.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MUELLER, J. P.; MASSARON, L. **Inteligência Artificial Para Leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Almedina, 2023.

SANTAELLA, L.; KAUFMAN, D. A Inteligência Artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. **MATRIZes**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-53, jan./abr. 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p37-53. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/pt_BR/article/view/210834. Acesso em: 06 jun. 2026.

Recebido em: 9 de junho de 2026
Aceito em: 14 de novembro de 2026